

Ms. 12058

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 26

OS PERIGOS DUMA PAZ PREMATURA

PUBLICADA PELO

Col. 20

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1917



Os perigos duma paz prematura

A muitos respeitos a guerra de Sete Anos fornece um paralelo historico á gigantesca luta que hoje paralisa a Europa. Em verdade não ha paralelo para este conflito titanico que ora se desenrola perante nós; porém na sua duração exgotadora e no facto de ter sido uma coalição contra a ambição da Prussia, o historiador apresenta muito a proposito a analogia com a guerra de Sete Anos. Além disso é interessante recordar que, ao mesmo tempo que as forças desfalecidas dos aliados do seculo xviii foram reanimadas pela imperatriz da Russia, cuja vaidade tinha sido ofendida por Frederico o Grande, foi principalmente devido á morte da imperatriz e ao aparecimento duma influencia germanofila na Russia que o rei da Prussia poudo fugir a uma derrota completa.

O historiador poderá encontrar paralelos nos motivos e nos agrupamentos dos homens, porém emquanto á guerra a historia nunca se repete. A escala colossal, as novas energias empregadas e o custo aterrador, colocam o conflito actual numa categoria á parte. O tedio que invadiu a Europa durante o quarto e o quinto ano da guerra de Sete Anos faz-se sentir mais cedo

na presente luta. Já perto de seis milhões de homens teem encontrado a morte, dois ou tres milhões estão estropeados irremediavelmente e mais um grande numero de soldados e civís teem tido indirectamente a morte devido á guerra. Já a guerra tem custado á Europa pelo menos 20 biliões de libras esterlinas, isto é, quasi vinte vezes mais que se calcula ter custado a longa luta napoleonica. Em todas as terras se preparam homens casados e mancebos para tomarem parte na mortifera refrega. Os mercados de paz do mundo todo estão faltos de comodidades. Um veu negro cobre o universo.

O homem que quizeria ver prolongar-se este conflito sem ser por motivos os mais graves e os mais puros, seria um traidor á humanidade. Porém a lealdade para com a humanidade pede com igual rigor que se examinem com calma o que um celebre francez apelida de «razões de coração». Pôr termo a esta guerra sem haver garantias substanciais que as hostilidades não se hão de renovar, seria uma recusa desprezível de suportar os sacrificios necessarios. E' certo que se esta guerra europêa recommençar durante a nossa geração, será mais horrivel do que é actualmente. As nações então começarão na altura onde param hoje e não na escala relativamente modesta em que abriu a campanha em 1914. Todas as invenções diabolicas para matar e estropear serão conservadas e ainda mais desenvolvidas. Não, esta guerra não deve renovar-se. Essa é a unica estrela que brilha resplandecente nos céus encobertos de hoje.

E' portanto dever especifico e rigoroso de todo o homem amante da humanidade que examine a situação e o futuro com a razão desanuveada de emoções. Parecerá paradoxo, porém, é uma verdade fundamental que é o dever do amigo da humanidade conservar a sua razão serena e clara nesta hora de paixões. Uma solução sentimental deste horrivel problema custará á humanidade um preço medonho.

Quais são as bases sobre as quais os mais moderados dos adversarios da Alemanha apoiam a sua opinião que ainda não chegou a hora de discutir com proveito as condições de paz? O primeiro ponto é que a Alemanha ainda se acha na mesma disposição de espirito com que precipitou a guerra. E' mais uma disposição de casuista que de franca agressão. A linguagem do partido militar e do grupo industrial — os Conservadores e os Liberais Nacionais — é bastante franca. Dizem que, tendo eles ganho a partida, exigem os lucros. Ficam de posse da Romenia e da Servia e de algumas das ricas provincias da França e da Russia, e dominarão economicamente a Belgica. Esta opinião tem o apoio de Bethmann Hollweg e do Dr. Michaelis. Ninguém se deixa iludir por o que a *Vienna Arbeiter Zeitung*, num artigo recente, apelida com amargura: «essas meias promessas meio desfeitas pela frase que segue». Numa linguagem perfeitamente explicita, a Alemanha oficial reclama «garantias» e «rectificações de fronteiras», o que vem a ser o programa dos industrialistas. O ponto mais funesto de tudo isto é

que não passa dum punhado os alemães que não aceitam esta doutrina. O *Vorwaerts* anuncia que dá o seu apoio ao programa de paz do Reichstag, e o Reichstag aceita as reclamações cinicas do Chanceler.

O segundo ponto grave é que a paz nessa base deixaria a Alemanha não só estimulada pelo exito da sua aventura, mas numa situação formidavel para a recommençar e completar a seu belprazer. O futuro immediato será para a Alemanha, sem duvida, um periodo de grande esforço economico, como se declarou ha pouco na Conferencia de Budapest. Bastarão em todo o caso dez annos para restabelecer o equilibrio economico e para explorar até á ultima os grandes recursos dos territorios que a Alemanha espera reter. Não pode existir duvida para quem conheça a Alemanha, que uma vez ela tenha atingido esse grau de poderio, não deixará de recommençar a guerra para levar a efeito todo o seu programa de dominio economico mundial. A fazer-se hoje a paz segundo as condições alemãs, dentro em dez anos não haveria combinação de potencias capaz de a subjugar. Tem portanto de progredir a guerra até que o seu militarismo aggressivo se desfaça ou se abandone, ou que os seus recursos se limitem pelo menos aos existentes em 1914. Quando a Alemanha propuzer voluntariamente, sem reservas e sem embages, evacuar todos os territorios ocupados indevidamente por ela, poderão então os seus adversarios tomar em consideração a questão de paz.